

OPINIÃO

O banco, a corretora e a roupa de homem-aranha

Pedro Guimarães (*)

Aqueles mais adeptos das redes sociais certamente já viram um meme muito famoso, constantemente usado em discussões políticas.

Na imagem, originária de uma revista em quadrinhos, alguém vestido de Homem-Aranha está com o dedo em riste para outra pessoa também vestida de Homem-Aranha, que devolve o gesto, provavelmente se acusando de serem impostores. Esta imagem é comumente usada na internet quando uma personalidade crítica outra por ser ou fazer alguma coisa de errado, mas sem qualquer moral para isso, pois é conhecida pelas mesmas atitudes. Ironicamente, não foi na política, mas no mercado financeiro, que este meme encontrou seu retrato fiel.

Nesta semana, os quarteirões em volta da Faria Lima se agitaram em meio a um desentendimento curioso entre a maior instituição bancária e a maior plataforma de investimentos do país, da qual a primeira é sócia. Em sua nova peça publicitária, o banco acusou as corretoras, por meio de seus agentes autônomos de investimentos, de não trabalharem a serviço dos clientes que investem por lá, e sim em busca de comissões. Por outro lado, a plataforma, por meio de seu fundador e controlador, disse que seu processo de remuneração sempre foi transparente e que é justamente o banco que não coloca o cliente em primeiro lugar.

Seria uma discussão muito nobre, com dois lados aparentemente querendo oferecer o melhor serviço. Seria... se fosse verdade. Ao longo de décadas, os bancos nadaram de braçada. Sob a custódia deles, estava basicamente toda a riqueza da população. Como contrapartida, ofereciam opções de investimentos caras e com rentabilidade reduzida para os clientes, que não viam outras opções e aceitavam quase cegamente as orientações do gerente, uma pessoa quase sempre honesta, mas profundamente atormentada por suas metas internas.

Esta realidade começou a mudar nos últimos anos, com o boom das corretoras e suas estratégias mais agressivas impulsionadas pelas redes sociais e por uma rede de representantes oriunda do próprio setor bancário. As corretoras surfaram na onda da rejeição aos bancos tradicionais, até certo ponto justificada. Elas apresentaram um novo mundo, onde 'os melhores investimentos' estavam ali, disponíveis. O cliente tinha a sensação de que agora estava livre e consciente sobre as decisões acerca do próprio patrimônio. Mas era apenas uma sensação. A prática continuou exatamente a mesma.

Tanto os bancos quanto as corretoras compartilham dos mesmos vícios, oriundos do modelo transacional de negócios. Gerentes de banco e agentes autônomos de investimento sempre venderam produtos, assim como o dono de uma loja de roupas. Este processo de venda é feito com base em uma grande assimetria de informações. O vendedor tem muito mais

conhecimento sobre o produto do que o comprador, obviamente. Logo, a própria venda não pode ser considerada uma relação justa.

Quando se fala sobre o patrimônio de alguém - e muitas vezes sobre o dinheiro que essa pessoa está guardando para a sua aposentadoria, a relação deixa de ser apenas desigual e passa a ganhar contornos imorais. O vendedor pode até se preocupar com o cliente, mas ele está muito mais pensativo sobre o retorno que aquela venda trará a si próprio.

Em sua defesa, o banco acredita que mudar a remuneração do gerente e atrelar metade dela à rentabilidade do investidor representa um alinhamento.

Ora, alguém já ouviu falar em alinhamento pela metade? Este é um modelo que não existe em qualquer lugar do mundo e que certamente não será inventado no Brasil agora. O gerente trabalha para o banco e o agente trabalha para a corretora - e é importante que isso fique claro. A única opção de alinhamento de interesse é por meio do modelo fiduciário, onde o planejador financeiro é remunerado 100% pelo cliente, como se fosse um médico ou um advogado.

Esta briga fratricida entre o banco e a corretora tenta desviar o foco do problema quase todo para o agente autônomo de investimento. Mesmo tirando este profissional da equação, o que sobra são empresas dispostas a lucrar por meio do número e do volume de transações. Hoje, com a baixa taxa de juros, muitos investidores estão insatisfeitos e estão se sentindo desassistidos. Então, procuram ajuda onde acreditam que vão encontrar uma opinião mais isenta.

É um movimento que ocorreu em vários lugares do mundo, sobretudo nos mais desenvolvidos, como os EUA na década de 70 e na Inglaterra no fim da década de 80. Primeiro, surgiu o modelo bancário tradicional, depois o modelo por agentes autônomos e, finalmente, o modelo fiduciário, que entrega um resultado muito melhor.

Para tirar a prova, um bom exercício seria perguntar para os sócios controladores dos bancos onde está investido e quem cuida do dinheiro deles. Se eles fossem tão confiantes no próprio modelo, seria de se esperar que utilizassem a própria instituição para administrar suas fortunas. No entanto, como não poderia ser diferente, seus recursos estão sob gestão de family offices, que funcionam no modelo fiduciário.

Isso porque somente o profissional que trabalha com este modelo está comprometido com o aumento de capital do cliente, pois só a ele deve satisfações. Eventualmente, sua remuneração cresce conforme o patrimônio do cliente aumenta também. O Brasil só está vendo a ascensão do modelo fiduciário agora. A Fiduc, por exemplo, vem apresentando seus melhores resultados de captação mês a mês, chegando a cerca de R\$ 200 milhões sob gestão em menos de dois anos de existência.

Esta é uma nova onda, inevitável, e que vai chegar com força assim como ocorreu nos países desenvolvidos.

(*) - É fundador e CEO da Fiduc, empresa de planejamento financeiro e gestão de investimentos.

A sustentabilidade é o único caminho

Não é de hoje que a pauta de meio ambiente tem dominado debates de políticas mundiais

Viviane Mansi (*)

Isso é bom - sem políticas públicas adequadas levaremos mais tempo para avançar. Mas o diálogo nem sempre é fácil: a famosa polarização impede o avanço: de um lado os defensores da conservação ambiental, do outro quem entende a importância da economia em primeiro plano. Por que insistir que a agenda ambiental tem que conflitar com o progresso econômico, com o agronegócio, com a construção? Essa ditadura do "ou" precisa dar espaço para a colaboração do "e". A pergunta é como podemos criar soluções que permitam avanços para todos?

O próprio setor que eu faço parte passa por mudanças intensas, talvez as maiores do século, e sustentabilidade está no centro delas. Estamos diante de um cliente que repensa suas práticas e consumo. Os carros híbridos (que alternam combustível fóssil com energia autogerada) são uma realidade desde 1997. O primeiro modelo, hoje, divide espaço com 15 milhões de carros eletrificados no mundo e a Toyota avança na construção de uma sociedade à base de hidrogênio, ou seja, que tenha índice de poluição perto de zero.

Mas voltemos ao ponto central - estudos recentes (como o The Global Risks Report 2020, publicado pelo Fórum Econômico Mundial) têm apontado que os principais riscos a longo prazo no mundo estão ligados a prejuízos ao meio ambiente. Clima extremo, desastres naturais, perda de biodiversidade e crise hídrica estão no topo das preocupações.

Mais da metade do PIB total do mundo (cerca de U\$ 44 tri) é dependente da natureza, tais como os setores de

construção, agropecuária e alimentos & bebidas, que geram U\$ 8, 4, e 2,5 tri, respectivamente, em valor agregado bruto a cada ano.

No Brasil não é diferente. O Relatório Temático sobre Polinização, Polinizadores e Produção de Alimentos no Brasil (2018) aponta que o valor econômico do serviço ecossistêmico de polinização para a produção de alimentos foi estimado em R\$ 43 bi. Mais uma evidência de que a economia não avançará, se

“A gente precisa estimular a ciência e usá-la para ampliar caminhos e soluções. O mundo está mudando e se torna cada vez mais evidente a urgência da busca pela construção sustentável para as condições de vida no planeta.”

não estiver em harmonia com o meio. A Covid-19 que o diga. O cenário atual demonstra que não estamos preparados para os desequilíbrios ambientais e nossa relação com a vida silvestre é perigosa.

Precisamos acelerar a busca de respostas. Que elas venham da nossa atividade direta ou das boas práticas das empresas. Aqui no Sudeste, onde



Viviane Mansi.

a Fundação Toyota realiza o projeto Águas da Mantiqueira, em parceria com a Fundepag, a agrofloresta - sistema de plantio de espécies agrícolas e florestais em um mesmo local - tem se mostrado uma alternativa econômica e ambiental viável. São possibilidades que têm o potencial de ampliar a capacidade de produção de alimentos e avanço na infraestrutura verde.

A gente precisa estimular a ciência e usá-la para ampliar caminhos e soluções. O mundo está mudando e se torna cada vez mais evidente a urgência da busca pela construção sustentável para as condições de vida no planeta. É o momento de transformar o mundo no lugar que ele deve ser. A sustentabilidade é o único caminho. Só precisamos admitir que ele é o mais rápido, melhor e menos custoso.

(*) É Presidente da Fundação Toyota do Brasil.

Hiperautomação para a transformação exponencial do negócio

A hiperautomação consiste na utilização de tecnologias avançadas, como Process Mining, RPA, Inteligência Artificial, Machine Learning, entre outros sistemas e foca na automação de um processo do início ao fim. A ideia é combinar tecnologias inteligentes que sejam capazes de proporcionar uma interação entre softwares da mesma forma que humanos lidam com os sistemas - de forma cognitiva.

Considerada pelo Gartner a tendência tecnológica número um para 2020, a hiperautomação ganhou ainda mais força após a crise global de saúde pública em decorrência da Covid-19. Isso porque a adoção da quarentena para combater o avanço da pandemia evidenciou falhas óbvias nos processos de negócio, como a execução manual de tarefas, que podem ser substituídas por essa automação inteligente, garantindo a manutenção da operação mesmo a distância.

Com a crise seguindo ativa, a adoção desse modelo de tecnologia fará a diferença na situação atual, criando oportunidades de

disrupção ou mesmo preparando a empresa para a retomada dos negócios após a pandemia, cujo cenário ainda exigirá medidas seguras de execução de trabalho para não tornar a operação uma incubadora do vírus.

Qualquer processo é um possível cenário para ser hiperautomatizado, mas não se trata apenas de automatizar atividades repetitivas. Aqui, o que vale são rotinas que necessitem de captura, análise e decisão com base em dados. Por isso, os casos mais elegíveis à hiperautomação estão relacionados a atividades transacionais, como ordem de pagamentos, gestão de estoque, monitoração de servidores e aplicações, folha de pagamento, mudança de dados cadastrais, entre outros.

Ao automatizar tarefas de backoffice, a hiperautomação não só torna a operação digital mais eficiente e ágil, como também possibilita a diminuição de falhas humanas e o aumento de produtividade, além da redução de custos.

Para auxiliar nessa jornada, o gêmeo digital se torna uma poderosa ferramenta de melhoria de processos porque baseia análises em todos os dados existente na organização.

Empresas mais dependentes do trabalho manual correm mais riscos comerciais, uma vez que estão sujeitas ao fator humano para manter a produção ativa. Desta vez, a quarentena paralisou automaticamente processos de muitos negócios que ainda não tinham bons níveis de automatização.

E essa lição que tivemos de uma crise repentina é a prova de que não temos o controle de outros impactos que podem ocorrer, ficando claro que as empresas devem avaliar essa tendência para transformar exponencialmente a estratégia de inovação dos seus negócios.

(Fonte: Fernando Motta é Head de Process Intelligence do GA, companhia global de tecnologia que utiliza plataformas digitais e serviços de transformação para capacitar grandes empresas).



News @TI

Acesso está com 30 vagas de trabalho abertas

@ Acesso, empresa especializada em serviços financeiros, está com 30 vagas abertas para os departamentos de Produto, Desenvolvimento, Atendimento e Comercial. As posições preenchem cargos relacionados à engenharia de software, tanto desenvolvedores quanto líderes, operações financeiras, como intercâmbio e prevenção a fraudes, e atendimento ao cliente. O processo seletivo é diferente para cada área de atuação. De um modo geral, cada departamento vai ter um conjunto diversificado de pessoas para avaliar o candidato não só na parte técnica, mas também sua bagagem cultural. Além disso, em áreas como engenharia, há aplicação de testes técnicos e/ou resolução de casos. Os interessados devem enviar o currículo para o e-mail pessoas@acesso.com e mencionar o cargo em que têm interesse. A partir daí, basta aguardar o retorno do gestor responsável com todas as etapas de avaliação.

Embratel anuncia parceria com a Scitum TELMEX

@ A Embratel anuncia parceria com a Scitum TELMEX, maior empresa de serviços de segurança cibernética do México, para agregar mais expertise no fornecimento da solução Cyber Intelligence Embratel ao mercado. A solução aumenta a proteção das empresas de ataques cibernéticos, fraudes e invasões que podem colocar em risco suas estruturas de TI e de Telecom, além de dados sigilosos de seus clientes e executivos. A oferta é indicada para diversos segmentos,

especialmente o financeiro. O uso de canais digitais para transações financeiras trouxe inúmeros benefícios para as instituições e clientes. Em contrapartida, com a sua popularização, ganhou também a atenção de hackers e cibercriminosos em busca de oportunidades para roubos de dados e senhas. A necessidade de investimento constante em atualizações de medidas de prevenção e contenção de riscos não só na rede interna das instituições, mas também no vasto ambiente da Internet, ficou ainda mais clara com a pandemia do Coronavírus (<https://www.embratel.com.br/seguranca/cyber-intelligence>).

Enciclopédia para colaborar na luta contra o cibercrime

@ A Guardicore, líder em segurança de data center e nuvem, anuncia o lançamento da Enciclopédia Botnet, criada por sua divisão global de pesquisa, a Guardicore Labs. A Enciclopédia Botnet da Guardicore fornece uma base de conhecimento universal, continuamente atualizada, de campanhas de botnet passadas e presentes pesquisadas pela equipe da Labs - muitas das quais anteriormente desconhecidas pela comunidade de segurança cibernética - mostrando as maiores ameaças à segurança das empresas em um único ponto. A Enciclopédia Botnet é alimentada pela Rede Global de Sensores Guardicore (GGSN), uma rede de sensores de detecção implementados em data centers e ambientes de nuvem em todo o mundo, capazes de capturar e registrar detalhadamente completos fluxos de ataque (<https://www.guardicore.com/botnet-encyclopedia/>).

ricardosouza@netjen.com.br